

Cardoso Fernando Henrique
Na muda,
FH não canta

VILLAS-BÓAS CORRÊA *

Ora, até que enfim, parece que alguns sensatos conseguiram convencer o presidente Fernando Henrique Cardoso a não agravar a crise, que ainda arde nas brasas na dupla derrota do governo, com declarações provocativas e inconvenientes, despejadas em cota diária e, às vezes, em dose dupla, nas suas constantes viagens pelos quatro cantos e os muitos espaços do mundo.

Recomenda-se a cautela de esperar alguns dias para verificar se a combinação será respeitada pelo nosso loquaz e extrovertido presidente.

Afinal, não se trata de observação que já não tenha acudido a militante experiente, com anos de atividade política nas mais adversas e variadas circunstâncias, além de intelectual festejado no universo acadêmico. E depois, cá para nós, não estamos cuidando de conselho de excepcional criatividade, daquelas descobertas que estalam na cuca em raro momento de lucidez.

Até que, ao contrário, o controle da língua — com redobrado cuidado quando, mais chegada à soltura, costuma fazer das suas —, é a regra trivial quando se cruza fronteira. Em terra estranha não se lava a usada roupa doméstica.

Mas, ao arrepio do bom senso, o inverso é que o ocorre com intrigante frequência: Fenômeno conhecido, comentado, criticado. Bastam alguns milhares de quilômetros de distância para afrouxar os freios da conveniência. A coceira da inconfidência, o impulso da fofoca, a excitação do revide, a ânsia de cometer pequenos desatinos, cutucando

censuras de ontem para o afago de louvores inesperados: "A demora para legislar, por exemplo, é associada injustamente a imobilismo e ineficiência, quando, na verdade, a agenda do Congresso Nacional está sobrecarregada por temas de grande complexidade", corrigiu-se o presidente, passando um pito em si mesmo.

Na mesma toada, carpiu remorsos: "Orgulho-me de ser político. Angustia-me testemunhar a perda de prestígio que a política, como profissão, vem experimentando no mundo".

Mas, como convém substituir a vítima, escalou a imprensa para o contraponto da transferência de culpas. E, justiça se faça, os reparos aos meios de comunicação, formulados em linguagem contida e no plano alto dos conceitos, são absolutamente procedentes.

Elogiar o Congresso, paparicar os políticos, talvez não façam parte da receita. Com o desconto dos excessos e da rapidez acrobática da troca de sinais, confirma que o presidente sentiu a desestabilizadora derrubada da reforma da Previdência Social e a ferroadada mais venenosa da criação da Comissão Parlamentar de Inquérito dos bancos, recortada de encomenda para fuçar a quebradeira do Econômico e a o estouro do Nacional.

A mobilização do governo para aplicar meia sola nos dois rombos necessita não apenas do apoio, mas da colaboração do presidente.

Vem mesmo a calhar a pausa na crise, amortecida com sua ausência. Desde que não atire, na lonjura antípoda, farpas que atinjam feridas que ainda sangram.

adversários ou dissidentes da hora com o ridículo da galhofa, da piada, viram de pernas para o ar, nas cambalhotas no picadeiro da alma, personalidades de reconhecida severidade, mais chegadas à austeridade da cara amarrada, de poucos risos e guizos.

Em todo o caso, sempre é possível que, escovado pela amarga experiência recente, Fernando Henrique procure seguir a razoável recomendação de seus atarantados líderes parlamentares. Dele não se pode esperar que siga à risca a advertência de trancar a boca sempre que provocado pelos repórteres que o seguem, em implacável marcação cerrada, com perguntas venenosas, armadas em cima das últimas intrigas da corte. Mas, que não exagere e cuide-se.

Os primeiros sinais da nova postura presidencial para uso no exterior soaram animadores na etapa preliminar do programa, encaixado no pouso em São Francisco, para mais lenta regulação do fuso horário. Se há alguma reparo a fazer é no exagero ostensivo da corrigenda.

No excelente resumo da correspondente Rita Tavares sobre a badalada conferência do presidente para mais de 500 alunos e professores da Universidade de Stanford, acompanha-se a piroeta de transparente oportunismo. No fácil improviso de professor tarimbado, Fernando Henrique reza o ato de contrição, arrancado do fundo do arrependimento dos desabafos da viagem ao México, há menos de um mês. A dura crítica ao Congresso, com a denúncia das notórias práticas do fisiologismo, da abagunçada desestruturação partidária que facilita o loteamento dos lobbies, foi passada a limpo na arrebatada profissão de fé democrática e no hino de exaltação do Congresso e da atividade política.

Não ficou de pé uma única restrição. A sabida lentidão parlamentar, na cadência de gazetas e da encolhida semana de três dias úteis, saltou por cima das



Afinal, o surto de indisciplina que desmanchou a maioria, já foi devidamente analisado, com o levantamento minucioso de suas causas. Derrotas não se lamentam; analisam-se para prevenir o repeteco. E se é difícil justificar a debandada com as desculpas de desacertos circunstanciais, mais indesculpáveis se afiguram a omissão do governo, a dose de incompetência e a série de erros grosseiros, elementares na articulação da emenda da Previdência Social. Desde o começo, da escolha do desastrado presidente e do estabado relator da Comissão Especial da novela tumultuada da discussão e votação do parecer, afinal rejeitado em plenário, até os ziguezagues da inacreditável negociação com o presidente da CUT, Vicente Paulo da Silva, o Vicentino.

Para não falar no fermento de arrogância, que talvez seja o mais azedo ingrediente do bolo do governo.

Ora, administrar o silêncio é um exercício de humildade. Se o governo reconhece a urgente e aflitiva conveniência de remendar o tecido esgarçado, recompondo a maioria, mesmo com algumas defecções, e de enfrentar os desafios de recuperar a reforma da Previdência, em nova rodada de negociação e barrar a criação da CPI dos bancos, a operação só pode começar pelo presidente Fernando Henrique Cardoso.

Canário na muda não canta. Presidente também.

* Repórter político do JORNAL DO BRASIL